

Jornalismo lento – Mapeando tensões entre velocidade e comunicação em ambientes digitais

Slow Journalism – Mapping tensions between speed and communication in digital environments

Periodismo lento – Mapeando tensiones entre velocidad y comunicación en ambientes digitales

Michelle Prazeres

Faculdade de Educação – FE-USP
<michelleprazer@gmail.com>

Resumo

Este artigo busca construir uma reflexão sobre o jornalismo lento, apontando para o estágio atual de pesquisa em curso sobre este objeto. Ao propor a desaceleração da produção, da oferta (circulação e distribuição) e da recepção do produto jornalístico, o jornalismo lento se inscreve no campo da crítica da comunicação e da velocidade; e, do ponto de vista prático, se situa na zona de interface entre comunicação, compreensão e afeto. Ainda que as práticas de comunicação lenta sejam relativamente demarcadas pelo movimento “slow media”, o jornalismo lento como objeto de reflexão teórica que emerge desta experiência demanda imersão e aprofundamento, que permitam ao mesmo tempo desvelar seus alicerces e contribuir para a sua edificação. O estudo trata menos de demarcar um conceito e mais de demarcar um campo de elementos e aspectos que compõem uma mirada para a experiência. Trata-se, portanto, de uma atitude cognitiva para desenvolver olhares e percepções para iniciativas que estão sendo testadas

Abstract

This article seeks to build a reflection on slow journalism, pointing to the current stage of ongoing research on this subject. In proposing the slowdown in production, supply (circulation and distribution) and reception of the journalistic product, slow journalism is part of the criticism of communication and speed; and, from the practical point of view, is situated in the interface between communication, understanding and affection. Although slow communication practices are relatively demarcated by the “slow media” movement, slow journalism as an object of theoretical reflection that emerges from this experience requires immersion and deepening, while at the same time revealing its foundations and contributing to its construction. The study deals less with delimiting a concept and more of demarcating a field of elements and aspects that compose a look for the experience. It is, therefore, a cognitive attitude to develop looks and perceptions for initiatives that are being tested as

Resumen

Este artículo busca construir una reflexión sobre el periodismo lento, apuntando a la etapa actual de investigación en curso sobre este objeto. Al proponer la desaceleración de la producción, de la oferta (circulación y distribución) y de la recepción del producto periodístico, el periodismo lento se inscribe en el campo de la crítica de la comunicación y de la velocidad; y desde el punto de vista práctico, se sitúa en la zona de interfaz entre comunicación, comprensión y afecto. Aunque las prácticas de comunicación lenta son relativamente demarcadas por el movimiento “slow media”, el periodismo lento como objeto de reflexión teórica que emerge de esta experiencia demanda inmersión y profundización, que permitan al mismo tiempo desvelar sus cimientos y contribuir a su edificación. El estudio trata menos de delimitar un concepto y más de demarcar un campo de elementos y aspectos que componen una mirada hacia la experiencia. Se trata, por lo tanto, de una actitud cognitiva para desarrollar miradas y

como práticas de comunicação, diálogo, vínculo e engajamento e que promovem interfaces com o pressuposto da desaceleração.

Palavras-chave: Jornalismo lento. Velocidade. Tecnologias. Cultura slow. Cibercultura.

practices of communication, dialogue, bonding and engagement and that promote interfaces with the assumption of deceleration.

Keywords: Slow journalism. Velocity. Technologies. Slow culture. Cyberculture.

percepciones para iniciativas que están siendo probadas como prácticas de comunicación, diálogo, vínculo y compromiso y que promueven interfaces con el presupuesto de la desaceleración.

Palabras clave: Periodismo lento. Velocidad. Tecnologías. Cultura lenta. Cibercultura.

Comunicação, tecnologia e velocidade

A cibercultura reconfigura os processos jornalísticos, mexendo nas suas estruturas e incidindo na produção, na distribuição e na recepção de seus produtos. Ainda que a prática jornalística siga sendo fundamentalmente a de apurar e contar histórias, a cibercultura – leia-se: os aparatos e ambientes digitais, os conteúdos, o *modus operandi*, os modos de percepção, as estruturas institucionais e o ambiente simbólico ciberculturais indexam o campo jornalístico, seus agentes e instituições e agregam às práticas jornalísticas novas potências.

Engrenagens da cultura digital como a colaboração, a ação em rede, a experimentação, o engajamento, a inovação, a inclusão, a interatividade, a conectividade, a mobilidade, a visibilidade, a flexibilidade e a hibridização são alguns dos que podem se converter em sentidos práticos para o jornalismo, quando realizado em ambientes digitais.

Este estudo mira as tecnologias a partir de uma abordagem não determinista e não dispostivista, focando nas suas potencialidades para pensar nas suas interfaces com o jornalismo a partir de uma perspectiva relacional. Partindo deste ponto de vista, é possível pensar nos ambientes digitais como ecossistemas favoráveis à produção

de reportagens jornalísticas reflexivas de profundidade e com capacidade de conexão afetiva com seus usuários.

Ao produzir informação atual e cotidiana em outro tempo, existem veículos que se aproximam do segmento que vem sendo construído e identificado como *Slow Media*. A contribuição deste segmento para o jornalismo diz respeito à crítica da velocidade e à afirmação de que existe espaço para um jornalismo reflexivo e de profundidade, e realizado em um tempo diferente na cibercultura e nos ambientes digitais.

Aqui, a crítica da velocidade (inspirada em VIRILIO, 1996; e TRIVINHO, 2007) se faz fundamental, pois tal elemento se encontra no coração do consenso que afirma as mídias digitais como ambiente natural do que é célere, ágil e superficial ou efêmero (seja em contextos de produção, distribuição ou recepção de comunicação). Portanto, compreender a velocidade como uma dimensão construída e legitimada por um consenso em torno da cibercultura é essencial para se contrapor ao que seria a sua suposta naturalidade nos tempos modernos. Mais do que isso, compreender sua dimensão simbólica e as engrenagens dessa construção permite que desvelemos as tratativas para alçar o valor-velocidade à condição de valor positivo nos tempos atuais,

associado ao avanço, ao progresso, à positividade e à qualidade.

Olhar para a prática do jornalismo de imersão em ambientes digitais, com reportagens de qualidade e que conseguem engajar o público fazendo comunicação afetiva em ambientes digitais (e subvertendo o “*timing*” do jornalismo refém do furo e da agilidade) é um dos caminhos possíveis para construir a crítica da velocidade na comunicação.

Uma incursão no movimento *Slow Media* pode acrescentar elementos importantes para esta análise, na medida em que se considera que o jornalismo lento como prática de produção simbólica se insere em um conjunto de propostas relacionadas com o movimento de resistência à cultura da velocidade que atua em segmentações importantes e diversas, e propõe formas de entendimento compatíveis com uma cultura de vida mais desacelerada. Os movimentos *dromoresistentes* ensinam um importante elemento de contexto da reflexão sobre a mídia *slow*.

Jornalismo e ambientes digitais

O contexto histórico e social das relações entre jornalismo e tecnologias (e da socialização promovida pelas relações entre mídias e indivíduos) deve ser necessariamente analisado tendo em vista a sua condição na contemporaneidade: de imersão na cibercultura. Cabe ressaltar que esta não se trata da cultura das mídias apenas em ato de conexão ou simplesmente da cultura inerente à internet ou às conexões em rede, mas da cultura de um tempo, do espírito de uma época (TRIVINHO, 2007), da ambiência da contemporaneidade, do *sensorium* de

hoje (BENJAMIN, 1996); ou ainda: de um entorno (MARTIN-BARBERO, 2007), tão presente para os indivíduos na contemporaneidade quanto o natural e o social. Trata-se de uma cultura que atravessa a vida do indivíduo hoje, capaz de perpassar a existência humana e as demais culturas e matrizes culturais contemporâneas de modo determinante.

Nesse sentido, o conceito de cibercultura é entendido tanto como o arranjo material, simbólico e imaginário contemporâneo, quanto os processos sociais internos (estruturais e conjunturais) que lhe dão sustentação (TRIVINHO, 2007, p. 59). Ou seja: ela está presente nos indivíduos, nas instituições e no *modus operandi* contemporâneos; e, ainda que encontre suporte em suas estruturas materiais, as extrapola, estabelecendo-se como presença no âmbito da psique, mesmo na ausência de suas ferramentas e representantes institucionais.

Entender jornalismo e tecnologias enquanto campos sociais, que se integram em um processo contínuo de socialização marcada, na contemporaneidade, pela cibercultura, permite que criemos bases de um ambiente mais generoso e não determinista ou dispositivista para a análise das relações entre jornalismo e tecnologias.

Tal entendimento se justifica quando se percebe que os campos comungam (e promovem) um repertório, que se encontra em estado difuso na sociedade sob a forma de uma crença. Esta socialização marcada pela cibercultura, e que se localiza hoje em espaços sociais e jornalísticos, encontra abrigo em *estruturas estruturadas e estruturantes* (BOURDIEU, 2009) de múltiplos campos sociais, que conferem a ela um alto grau de institucionalidade, mas

que parecem não ter um centro emissor. O rastro que permite mapear este processo está nos processos sociais de construção de um “coro” – quase um louvor simbólico – que eleva a cibercultura, sua lógica, seus aparatos e seus valores à condição de utopia em diversas áreas, entre elas, a do jornalismo. Se tomarmos estes elementos teórico-metodológicos enquanto perspectiva para olhar as interfaces entre tecnologias e jornalismo na contemporaneidade, é possível afirmar, entre outras coisas, que as tecnologias (1) podem ser recursos jornalísticos; (2) compõem um repertório do processo jornalístico; (3) são elementos centrais da cultura contemporânea, com a qual o jornalismo se relaciona.

Se entendermos as tecnologias enquanto elementos materiais e simbólicos do campo comunicacional e cibercultural e que, em inter-relação com o campo jornalístico podem representar não somente um repertório de dispositivos, mas também um repertório cultural, é possível afirmar também que é necessário estabelecer alguma relação com elas, pois fazem parte da nossa sociedade, na medida em que, ainda que não sejam inevitáveis do ponto de vista dos recursos, o são do ponto de vista do universo simbólico. Compreendendo as tecnologias a partir destas três dimensões e considerando a velocidade como valor fundamental da cibercultura, “embutido” nos dispositivos tecnológicos e em seus conteúdos e contextos de adesão, é possível afirmar que ela circula nos ambientes simbólicos e materiais que aderem às tecnologias, entre eles, o jornalismo. Caberia ao jornalismo explorar os potenciais que as tecnologias oferecem a partir de todas estas dimensões.

Tensões entre jornalismo e velocidade

Em sua tendência totalizante, a cibercultura possui modos próprios de funcionamento e valores, entre eles a velocidade, a inovação tecnológica, a inclusão (digital), a eficiência, a interatividade, a conectividade, a mobilidade, a visibilidade, a flexibilidade, o desejo por mudança, a transformação e o lúdico (especialmente relacionado ao universo dos games).

Tais valores são constantemente associados a uma ideia de progresso, à qual estaríamos suscetíveis por se tratar, inevitavelmente, de algo positivo. Por sua vez, este progresso remete ao avanço e ao novo, como se essa “novidade” se constituísse apenas de coisas boas. Portanto, a modernização via tecnologias só encerraria bons aspectos, o que explica o fato de sua noção estar constantemente acompanhada de sentidos de desenvolvimento e de caminhos que conduzem ao ápice ou apogeu.

Na dinâmica dos processos de adesão dos ambientes jornalísticos ao regime cibercultural, é possível detectar a presença da velocidade de três maneiras fundamentais: (1) enquanto valor presente nos repertórios discursivos relacionados a este processo nos diversos campos sociais envolvidos na sua construção; (2) enquanto engrenagem da ação modernizante das instituições de jornalismo, que devem ser equipadas rapidamente com tecnologias, para se renovar e inovar sem “perder o bonde da história”; e (3) enquanto repertório de um público, que seria cada vez mais “ávido” por modernizações, aparatos e facilidades cotidianas relacionadas aos produtos jornalísticos.

Então, cabe questionar: existe espaço para a reportagem de profundidade nos ambientes digitais regidos majoritariamente por esta lógica? As reportagens poderiam oferecer também formatos e linguagens capazes de construir noções de engajamento a partir da ideia de recepção, diálogo e vínculo com seus públicos?

Possibilidades de comunicação afetiva em ambientes digitais

A velocidade é um dos valores fundamentais da cibercultura. Com a adesão das tecnologias pelos processos jornalísticos, a aceleração parece adentrar “naturalmente” os ambientes de comunicação.

Entendendo que as tecnologias (1) podem ser recursos jornalísticos; (2) compõem um repertório do processo jornalístico; (3) são elementos centrais da cultura contemporânea, entende-se que a velocidade, enquanto um de seus valores fundantes, se espalha por todas estas facetas. A crença nas tecnologias, estabelecida sob a forma de consenso, inibe reflexões críticas sobre o uso dos recursos tecnológicos em diversos campos (entre eles, o jornalismo) e propicia a adesão “natural” da aceleração nos ambientes (simbólicos e materiais) que adotam dispositivos tecnológicos como recursos.

No entanto, ao pensar nas tecnologias em relação com o jornalismo a partir de uma perspectiva não dispositivista, é possível encontrar potenciais fissuras no que parece ser a lógica única e inevitável da aceleração. Ao promover uma reflexão sobre os usos das tecnologias para a realização de reportagens, seria possível detectar possibilidades de utilização do ambiente

e dos recursos tecnológicos digitais para a realização de processos e produtos que promovem o jornalismo em outro tempo e que, por consequência, buscam a reflexividade, o aprofundamento dos conteúdos e o reconhecimento dos sujeitos envolvidos (produtores de informação e receptores).

Jornalismo lento

No Brasil, as discussões sobre o jornalismo lento parecem estar circunscritas a um debate sobre o formato e as linguagens do jornalismo e as possibilidades de distribuição de um conteúdo mais aprofundado na rede; haja vista os debates sobre o formato *longform*, que dá conta de uma visão do jornalismo lento enquanto formato para ser consumido lentamente.

No entanto, a lentidão (e seus aspectos) se aplicam também a outras etapas do processo jornalístico e não apenas à recepção: o *slow* pode estar também no processo de produção e em algumas características do produto jornalístico e na sua recepção.

A velocidade no jornalismo é um argumento relacionado ao poder comercial da informação. Como valor-notícia, a velocidade passou a fazer ainda mais sentido depois do advento das tecnologias, pois dar uma notícia em primeira mão e em tempo real é um dos aspectos considerados para a construção e a afirmação da reputação de um veículo noticioso, na relação com sua audiência e com eventuais apoiadores financeiros.

Em contexto de aceleração social do tempo (ROSA, 2005), a tarefa que se impõe é a de desvelar e reconstituir os fatores sociais envolvidos nestas dinâmicas; mapear e explicar as repercussões sociais e dissecar e

tensionar a violência simbólica ou invisível implicada nestes fenômenos (inspirado em TRIVINHO, 2016).

Nesse sentido, a perspectiva da ecologia da comunicação de Romano (1998) oferece parâmetros do que pode se constituir em “ruídos de comunicação afetiva” em uma era de excesso de informação, que não necessariamente se traduz em realização da comunicação, posto que comunicar é

Criar ou manter ambientes de vinculação. Vincular é “ter ou criar um elo simbólico ou material, constituir um espaço (ou um território comum), a base primeira para a comunicação” (Baitello Jr., 1999, p.89). Como somos seres dependentes de outros para sobreviver, pois somos incompletos, estamos sempre predispostos a estar ou criar ambientes de comunicação, de vinculação. Portanto, a vinculação é um elo da ordem do comunitário, do comum, pois se constrói pela e na participação. (BAITELLO JUNIOR; NAVARRETE, 2017).

Segundo este entendimento, e buscando construir parâmetros para olhar as práticas de jornalismo e reconhecer elementos de tensão com a velocidade que possam apoiar a construção de um diagrama de possibilidades que circunscrevam o jornalismo lento, uma questão central se apresenta: é possível criar vínculos e realizar comunicação lenta em ambientes digitais? Baitello Junior e Navarrete (2017) afirmam que nas mídias secundária e terciária

[...] o homem utiliza-se de prolongamentos (aparatos, objetos ou suportes) para ampliar, no tempo, no espaço ou na intensidade, o seu raio de alcance comunicativo. Se, por um lado, tais prolongamentos facilitam a aproximação com o outro e o acesso a sua informação, por outro, acabam retirando, gradualmente, a presença das dimensões e dos sentidos do corpo do processo comunicativo.

Nesse sentido, seria inviável recobrar a dimensão do corpo na comunicação mediada por aparatos?

O manifesto *Slow Media* aponta alguns caminhos nesse sentido. Suas contribuições não pretendem desmontar a tese de que a velocidade faz sentido para o jornalismo. Elas buscam, sobretudo, questionar quando a velocidade é, de fato, um imperativo, e quando ela não se faz necessária e é possível desnaturalizá-la fazendo um jornalismo em outro tempo, a partir de uma outra relação, por exemplo, com as temporalidades relacionadas à ideia de periodicidade e as temporalidades da produção e da recepção dos produtos jornalísticos.

Trata-se, portanto e sobretudo, de questionar a velocidade como um valor-padrão, desejável, positivo; de ponderá-la e de oferecer, na prática, alternativas de jornalismo que não necessariamente concorrem com as práticas velozes, mas são complementares a elas. Em tempos de fragmentação, *brevidades* e *fake news*; em um regime marcado pela disputa de atenção do leitor/usuário /interagente a qualquer custo; e em um espaço onde jornalismo e entretenimento

competem e muitas vezes se misturam em nome de um suposto engajamento, o *slow* seria a busca pelo contexto, pela compreensão, pela credibilidade, pela acurácia e pela compreensão.

Mirando as reconfigurações promovidas nos processos e produtos jornalísticos a partir da relação com os ambientes digitais e as tecnologias, é possível refletir sobre o jornalismo lento, no que diz respeito a pelo menos três aspectos: (1) produção; (2) produto (oferta); e (3) recepção.

A Figura 1 traz alguns achados em forma de mapa mental confeccionado a partir de levantamento bibliográfico baseado em Le Masurier (2014); Silva (2014); Manifesto *Slow Media* (s.d); e nas costuras sobre as relações entre jornalismo, tecnologias e

velocidade, baseadas em Lemos (2004), Trivinho (2007); Jenkins (2008); Virilio (1996); Romano (1998) e Baitello Jr. (2014; 2017) e Menezes (2016).

Na imagem, é possível verificar as articulações entre ideias colhidas dos referidos aportes teóricos com elementos do manifesto *Slow Media*, no sentido de construir um “*frame*” que represente a ideia de jornalismo lento. A partir destas articulações, é possível tecer alguns apontamentos:

Do ponto de vista da produção, as práticas de jornalismo lento privilegiam a investigação, a checagem e a precisão; desfrutam de tempo de apuração; apostam em histórias inéditas e de interesse humano.

No que diz respeito à forma, estas práticas exploram os potenciais dos ambientes



Figura 1 - Referências para apoiar a tipificação do Jornalismo Lento

digitais e dos formatos de narrativa de ‘cauda longa’; em narrativas mais densas, que por vezes, podem se aproximar do “*story telling*”. Estas práticas se apoiam no potencial das mídias sociais enquanto redes de construção de nichos e comunidades de relacionamento que se reúnem por identificação.

Do ponto de vista dos valores, clamam para si a transparência, a qualidade, a perfeição, a reflexividade, a sustentabilidade, a credibilidade, o respeito e a confiança. Tais valores denotam uma intencionalidade de construção de uma relação afetiva com o público, por meio de um diálogo e não de uma relação que tem na informação uma mercadoria; e no processo de comunicação uma “venda” baseada em transmissão.

No que diz respeito aos sujeitos envolvidos na produção, as práticas de jornalismo lento apontam para tendências de colaboração e formação de inteligências coletivas (entendidas como grupos com interesses semelhantes, habilidades diversas e que se reúnem para a execução de um projeto comum). Elas sugerem que o jornalista deve ser “monotarefa” e não o profissional que cuida de todo processo de comunicação, desde a produção até o monitoramento de tráfego, como é comum encontrar descrito em literatura sobre os ambientes digitais. Este elemento aponta para a aplicação da lógica “*slow*” na construção de ambientes de trabalho mais saudáveis para produtores de informação.

Já em relação ao que poderiam ser consideradas leituras de formatos mercadológicos, o *slow* indica um jornalismo do presente e da presença, que abriria mão do “fetiche do furo” em nome do valor da qualidade; e que, portanto, tem sua viabilidade financeira muitas vezes restrita a formas independentes de financiamento.

A recepção do jornalismo lento seria um processo atemporal, relacionado a uma construção discursiva dialógica, processual, em que a colaboração e a interação se sobreporiam ao caráter de transmissão. Seus conteúdos são relevantes para uma comunidade (e aqui cabe ressaltar que este comunitário pode não ter um sentido apenas geográfico, mas também simbólico, por poder se tratar de comunidade de interesse reunida na rede). Sua distribuição seria feita de modo “orgânico”, sem relações com a publicidade ou com sistemas de alavancagem de algoritmos em ambientes digitais. É um conteúdo baseado na compreensão e de audiência colaborativa (*prosumers*); e feito com foco no local (aqui sim, o comunitário tem forte denotação geográfica) e em pequena escala.

É importante ressaltar que estes são apontamento iniciais; e que a representação gráfica em mapa mental não se trata de uma espécie de “*checklist*” que deve ser utilizada para “enquadrar” esta ou aquela prática jornalística enquanto “jornalismo lento”.

Trata-se, sobretudo, de lentes para se olharem as práticas e apoiar a reflexão que emerge destas que podem, inclusive, e é desejável que o façam, nutrir este diagrama com novos elementos que venham a se apresentar.

Deste modo, não se considera este um diagrama fechado ou acabado. Pelo contrário, ele é um organismo vivo, que só fará sentido, se conectado com a realidade das práticas jornalísticas. Estas, por sua vez, podem se identificar com os elementos do diagrama parcial ou integralmente.

Questões fundamentais emergem da reflexão sobre o jornalismo lento. Proble-

matizar as relações entre a velocidade e o jornalismo, mirando para as práticas a partir da perspectiva do *slow* e da ecologia da comunicação possibilitam a visualização de novas tensões e fronteiras do fazer jornalístico. Dinâmicas historicamente cristalizadas nas práticas jornalísticas em suas etapas de produção e recepção podem ser reconfiguradas; e um exame mais acurado sobre suas repercussões pode apoiar estudos mais acurados sobre possíveis novas formas de olhar, entender e praticar o jornalismo e a comunicação.

Esta síntese indica que é preciso mirar as relações entre jornalismo e tecnologias a partir da velocidade como engrenagem da cibercultura; e para a conversão desta relação nos produtos jornalísticos e na relação com os públicos destes produtos. A “*lentidão*” pode ser aplicada a qualquer um destes aspectos do processo jornalístico, reverberando em releituras sobre as quais é preciso debruçar-se.

Um novo jornalismo ou uma nova perspectiva?

Entende-se que o jornalismo lento não é lento em absoluto. Ele é lento “em relação a” algo. Portanto, ao propor esta noção como forma de olhar para as práticas jornalísticas, a intenção é promover uma reflexão a partir de um conjunto de referências relacionadas à cibercultura e à aceleração social do tempo. Este olhar se debruça sobre a produção simbólica, seus sistemas e estruturas de produção e formas de recepção.

Do ponto de vista da inspiração conceitual, a noção parte da leitura de um contexto de celeridade para pensar no que seria uma produção, uma estrutura e uma recepção

mais lentas. Acredita-se que ao conseguir elencar exemplos específicos e ilustrativos do que se chama de jornalismo lento, este estudo poderá mostrar que este se trata de um conjunto de relações que contribuem para a crítica à prática sistêmica do jornalismo em seu estado atual: majoritariamente ultrarrápido e ultracurto.

Para construir uma crítica deste jornalismo, olha-se para a produção simbólica com referência na perspectiva da aceleração/desaceleração. Ressalta-se que não se trata de lançar um efeito nostálgico sobre o jornalismo, mas sim de mirá-lo pelas lentes da crítica da velocidade, reconhecendo que o jornalismo lento coexiste na sociedade com os demais *jornalisms*.

Reforça-se que a mirada se dá para os processos e produtos jornalísticos. Em relação aos produtos, algumas questões relacionadas a formatos podem se impor. Trata-se necessariamente do gênero de grandes reportagens? Aproxima-se do jornalismo literário, do jornalismo investigativo, explicativo, do *new journalism*? Como prática, o que o diferencia destes?

Talvez, o jornalismo lento não seja exatamente um modo de fazer, mas sim um modo de enxergar e de analisar a produção simbólica jornalística que se manifesta em determinadas práticas que precisam ser identificadas para que delas emergja uma possível tipificação que, por sua vez, nutra, em relação dialógica, este olhar crítico para a aceleração social a partir da comunicação jornalística.

A busca deste estudo, portanto, é por identificar os modos de inserção do jornalismo lento na sociedade e caracterizá-lo no seu feixe de relações como fenômeno complexo. Em si, trata-se de uma crítica ao

sistema de produção simbólica altamente veloz. Nas relações com demais forças, valores e sistemas sociais, como ele se manifesta? Como se realiza?

Algumas perguntas se apresentam e parecem caracterizar desafios a serem enfrentados neste estudo: com as transformações vivenciadas na sociedade a partir da aceleração do tempo, o jornalismo lento será uma forma de produção simbólica protagonista da História? O jornalismo lento é capaz de causar impacto e conquistar públicos, desfrutando de poder de influência? As práticas de comunicação lenta servem a uma causa e colaboram para algum determinado projeto de sociedade? Como o jornalismo lento pode ser sustentável do ponto de vista financeiro? O jornalismo lento seria uma espécie de “ruído” em um mundo tecido pelo excesso de expressão, mas não necessariamente comunicativo, no sentido da comunicação enquanto construção de vínculos, afetos e diálogos?

Até o momento atual, esta pesquisa aponta que o jornalismo lento pode estar associado a um modo de perceber ou praticar o jornalismo relacionado a aspectos como consistência, precisão, profundidade e reflexividade. Ao que tudo indica, parece ser possível afirmar que não é um modo de produção lento que “garante” o jornalismo lento. Este também se associa a formas de consumo (ou recepção) sensoriais, “limpas”, conscientes, profundas, com um design e um dinamismo específicos e que preveem possibilidades de diálogo, interação e construção de vínculos com seus públicos.

A lentidão diz respeito a contextos e conexões específicos e que, conectados e entrelaçados, resultam em uma produção simbólica relacionada a um universo de

referência possível de se chamar de lento (sempre em relação a algo). Ao buscar caracterizar este modo de fazer ou ver o jornalismo, este estudo buscará também refletir sobre a sua validade e legitimidade.

Sabe-se que no âmbito desta reflexão estão em jogo (1) a objetividade do tempo de produção; (2) as temporalidades supostamente intrínsecas de suportes, formas de produção, produtores e consumidores; e (3) a questão da qualidade, que é de valor.

Cabe observar (em relação aos suportes condutores de produção simbólica) que – a princípio – o jornalismo lento pode se manifestar em qualquer um deles; inclusive aqueles identificados como produção ultrarrápida, como a internet, o rádio ou a televisão.

Cada forma de produção e cada suporte de condução (ou circulação) pode ser caracterizado por tempos e regimes de validação próprios. Ao pensar sob o paradigma do jornalismo lento, busca-se compreender em que condições ele se constitui e como ele se manifesta.

A matéria é complexa, porque não é determinística. O jornalismo lento parece ser uma estrutura dinâmica que envolve produtores, receptores, escalas de tempo, regimes de consumo, outras estruturas e contextos e condições de produção.

Pensar o jornalismo na interface com a velocidade e a cultura *slow*

Uma articulação entre jornalismo, tecnologias e velocidade se mostra necessária e possível, quando a proposta é refletir sobre (1) a desnaturalização da velocidade como elemento central do jornalismo em ambientes digitais; (2) a crítica ao uso compulsório das tecnologias (e seu uso apropriado com

propósito jornalístico); e (3) a análise das potências das mídias digitais para a construção de um processo de produção, distribuição e recepção jornalísticas que gere produtos reflexivos e engajadores.

Avançar na construção de um “*frame*” de categorias que agregue práticas e valores e que possam inspirar um olhar para as práticas jornalísticas com o intuito de identificar tensões com a velocidade nos ambientes digitais em uma perspectiva crítica pode se converter em uma contribuição para pensar no ambiente digital como espaço favorável para a reportagem de profundidade e para a comunicação afetiva.

Acredita-se que esta é uma missão necessária para promover articulações no sentido de buscar pistas e novas perguntas para o que pode ser uma prática de jornalismo com a criação de ecossistemas digitais reflexivos e sustentáveis, mobilizadores e geradores de empatia e diálogo.

Comunicação e cultura *slow*

Reforçando a compreensão de que esta pesquisa pode contribuir para a construção da crítica necessária à produção simbólica jornalística altamente veloz, considera-se o contexto de celeridade no qual o jornalismo lento se insere: um ecossistema social, político e cultural do qual ele emerge enquanto prática de *dromoresistência*.

Em oposição a este ecossistema, em meados da década de 1980, desponta na Itália uma articulação de âmbito internacional que agrega indivíduos, grupos, coletivos

e organizações da sociedade civil e busca promover modos de vida desacelerados em diversas esferas da vida, como na relação com as crianças, a cidade, a medicina e a comida. Trata-se do Movimento *Slow*.

Entre os movimentos articulados sob a bandeira da *dromoresistência*, o mais expressivo mundialmente é o *Slow Food*, precursor dos demais, que trata da desaceleração no campo da alimentação.

Estes movimentos serão denominados redes glocais *dromoresistentes*, por se tratar de redes sociotécnicas, hibridizadas com as tecnologias, marcadas pelo gloca (PRAZERES, 2005), e focadas na resistência à *dromonormatização* da vida (TRIVINHO, 2007). Aqui, *dromos*, de veloz; contraído com “*normatização*” exprime a ideia de construção da normalidade da velocidade como regra da existência; e, portanto, a *dromoresistência* seria a prática de tensionar esta lógica.

A cultura *slow* é arranjo cultural, político, social, econômico e comunicacional para o surgimento do jornalismo lento, na medida em que sedimenta bases para a criação do movimento *Slow Media*.

Exponentes de jornalismo lento

A pesquisa que caracterizou o período prévio de construção deste artigo,¹ tinha como objetivo trilhar uma aproximação inicial com a noção de *slow media* e compreender a sua possível aplicação ao contexto jornalístico. Pretendia-se também articular a construção do Manifesto *Slow Media* com

1 O ponto se refere ao estudo desenvolvido durante período de um ano com bolsa do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero (SP).

as discussões teóricas acerca das reconfigurações que a cibercultura promove no jornalismo. Estabelecidas estas pontes, o estudo apontou para a necessidade de avançar na tipificação a partir de um olhar para a prática da produção simbólica jornalística identificada com a ideia de jornalismo lento (articulando categorias conceituais aos sentidos práticos jornalísticos contidos nos processos e produtos destas produções).

Como fruto do estudo, foi possível listar algumas práticas e produtos que apresentam características atribuídas ao jornalismo lento, conforme apontado na Figura 1.

Ao lançar um olhar para as práticas jornalísticas, é possível detectar produtos específicos ou veículos identificados com ideia de “*slow media*” a partir das categorias do *frame* construído na pesquisa.

Neste estudo, pretende-se aprofundar o olhar para estes “casos”, de modo e encontrar aspectos que possam identificá-los com o universo do jornalismo lento e outros elementos que, em contrapartida, possam nutrir a reflexão sobre o jornalismo lento com novas evidências práticas.

Os veículos e reportagens levantados são listados a seguir, acompanhados de características que os marcam e compõem o diagrama do jornalismo lento.

a) Agência Pública²

Trata-se de agência de jornalismo investigativo, financiada por meios ditos

“alternativos” (pois não recebe dinheiro de empresas do ramo da comunicação; e é financiada por sistemas de *crowdfunding* e agências internacionais). Realiza reportagens de profundidade majoritariamente relacionadas aos temas dos direitos humanos e veiculadas em plataformas digitais.

Características que identificam esta produção com o universo do jornalismo lento:

- Investigação;
- Checagem;
- Precisão;
- Histórias inéditas;
- Histórias de interesse humano;
- Confiança;
- Credibilidade;
- Mídias “independentes”;
- Atemporal;
- Relevante para uma comunidade;
- Distribuído organicamente;
- Pequena escala;
- *Prosumers*.

b) A Batalha de Belo Monte³

Reportagem especial premiada, realizada pelo jornal em plataforma multimídia.

Características que identificam esta produção com o universo do jornalismo lento:

- Investigação;
- Histórias de interesse humano;
- Checagem;
- Precisão;
- Histórias inéditas;
- *Ambientação sensorial*;⁴
- *Apuração de profundidade e presencial*.

² Disponível em: <<https://apublica.org>>.

³ Disponível em: <www.folha.com/belomonte>

⁴ Os itens marcados com *itálico* representam características que identificamos com o campo simbólico do jornalismo lento, mas que não compõem (ainda) a figura, pois a figura foi elaborada tendo como base a bibliografia de referência, mas não necessariamente incorporou aspectos da prática de comunicação lenta e afetiva. Estes aspectos traduzem, portanto, uma percepção inicial baseada no diálogo entre teoria e análise das reportagens e veículos, que deve ser submetida à validação no processo de pesquisa em curso.

c) “Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece”⁵

Reportagem do jornalista Chico Felitti publicada no canal Buzz Feed.

Características que identificam esta produção com o universo do jornalismo lento:

- *Temporalidade presente na narrativa;*
 - Investigação;
 - Checagem;
 - Histórias inéditas;
 - Histórias de interesse humano;
 - Confiança;
 - Credibilidade;
 - Atemporal;
- Relevante para uma comunidade;
- Distribuído organicamente;
 - *Prosumers;*
 - *Apuração de profundidade e presencial.*

d) Revista *Vida Simples*⁶

Publicação veiculada mensalmente destinada a temas relacionados ao bem-estar. Produz reportagens de profundidade com linguagem caracterizada como “afetiva”.

Características que identificam esta produção com o universo do jornalismo lento:

- *Temporalidade presente na narrativa;*
- Histórias inéditas;
- Histórias de interesse humano;
- Confiança;
- Credibilidade;
- Atemporal;
- Relevante para uma comunidade (*ou nicho*);
- *Prosumers;*

- *Jornalismo de depoimentos;*
- *Formato lento (revista).*

e) Revista *Piauí*⁷

Revista de jornalismo investigativo e opinativo relacionada aos universos da política, da economia e da cultura.

Características que identificam esta produção com o universo do jornalismo lento:

- Histórias inéditas;
- Histórias de interesse humano;
- Confiança;
- Credibilidade;
- Relevante para uma comunidade (*ou nicho*);
- *Jornalismo de depoimentos;*
- *Jornalismo opinativo;*
- *Jornalismo literário;*
- *Formato lento (revista).*

f) NEXO Jornal⁸

Jornal digital baseado em jornalismo de explicação e interpretação. Especializado em informações contextualizadas, dispõe de abordagens acadêmicas, gráficas, interativas e especiais, entre outras identificadas como jornalismo de profundidade. Tem como valores a clareza, a pluralidade e a independência.

Características que identificam esta produção com o universo do jornalismo lento:

- Investigação;
- *Explicação e interpretação;*
- Checagem;
- Precisão;
- Confiança;

5 Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/felitti/fofao-da-augusta-quem-me-chama-assis-nao-me-conhece?utm_term=.oaZkn8xW6#nu7yM2m3j>.

6 Disponível em: <<http://vidasimples.uol.com.br>>.

7 Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br>>.

8 Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br>>.

- Credibilidade;
- Mídias “independentes”;
- *Prosumers*.
- *Visualização simplificada de dados*;
- *Contextualização*;
- *Multimedialidade (sensorialidade)*.

A partir de um olhar inicial para estes expoentes de jornalismo lento e para as características que os identificam com o *frame* construído para reconhecê-los como tal; e tendo em vista outras características que os identificam com o universo simbólico de produções lentas, mas que não necessariamente constituem o diagrama, vê-se que a

construção de um esquema teórico-prático-analítico do jornalismo lento parte das leituras realizadas, mas também de um olhar generoso para a prática que possa reconhecer estes aspectos e convertê-los em material teórico-reflexivo-analítico, que se sustenta como objeto desta pesquisa em curso.

Por ora, acredita-se que os apontamentos apresentados neste artigo podem contribuir para a construção do atual e relevante debate que se situa em um âmbito de interface entre a economia da comunicação, a cibercultura, a comunicação como compreensão e as reflexões sobre as práticas jornalísticas na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

ACOSTA, Alberto. *O bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária: Elefante, 2016.

ALMEIDA, Luiza Muzzi. *A revisão da notícia web: um embate entre velocidade e qualidade*. PUC MG. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscepuc/article/view/P2358-3231.2015n26p205>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

BAITELLO JUNIOR, Norval. *A era da iconofagia: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura*. São Paulo: Paulus, 2014.

BAITELLO JUNIOR, Norval; NAVARRETE, Helena Maria Cecília. Escola, tablets e vínculos sociais. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 14, n. 26, 2017. Disponível em: <<http://www.alaic.org/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/921>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

BARBOSA, Suzana. *Jornalismo digital em ambientes dinâmicos: propriedades, rupturas e potencialidades do Modelo JDBD*. Disponível em: <<http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/view/37>>.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CANAVILHAS, João. Notícias em mobilidade: o jornalismo na era dos dispositivos móveis. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20130404-201301_joocanavilha_noticiasmobilidade.pdf>.

FORD, Sam; GREEN, Joshua; JENKINS, Henry. *Cultura da conexão*. São Paulo: Aleph, 2014.

HONORÉ, Carl. *Devagar*. São Paulo: Record, 2005.

HONNETH, Axel. *Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008. PDF disponível

KUNSH, Dimas; SÁ-MARTINO, Luis Mauro. *Comunicação, jornalismo e compreensão*. São Paulo: Pleiade, 2010.

KUNSCH, Dimas [et al.]. *Comunicação e estudo e práticas de compreensão*. São Paulo: UNI, 2016.

LE MANSURIER, Megan. *What is Slow Journalism*. Taylor & Francis Online. 2014. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17512786.2014.916471>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

LE MOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. In: *COMPÓS*. 2015. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-3c242f70-9168-4dfd-ba4c-0b444ac7347b_2852.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Diversidad en convergencia. Ministério da Cultura do Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DIVERSIDADE CULTURAL, Brasília, 27 a 29 de junho de 2007. Disponível em <http://web.archive.org/web/20071206014601/http://www.cultura.gov.br/blogs/diversidade_cultural/wp-content/uploads/2007/07/diversidadenconvergencia_barbero.pdf>. Acesso em: 20/04/2017

MARTINO, Luis Mauro Sá. *Teoria das mídias digitais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

MENEZES, José Eugenio de O. *Cultura do ouvir e ecologia da comunicação*. São Paulo: UNI Editora, 2016.

PELBART, Peter Pál. *A Nau do tempo-rei*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. Disponível em <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/peter/naudotemporei.pdf>> Acesso: 13 set. 2017.

PRIMO, Alex. *Interações em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

ROMANO, Vincente. *Ecología de la comunicación*. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1998.

_____. *Ordem natural e ordem cultural do tempo*. CISC. s/d. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/porta/jdownloads/ROMANO%20Vicente/ordem_cultural_e_ordem_natural_do_tempo.pdf>.

ROSA, Hartmut. *Alienation and Acceleration*. Towards a Critical Theory of Late Modern Temporality. Malmö/Arhus: NSU Press, 2010. Título ainda sem tradução oficial para o português

SALAVERIA, Ramon. WebJornalismo: 7 Características que marcam a diferença. UNAV. 2014. Disponível em: <http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/37153/1/Multimedialidade_informar_para_cinco_sentidos__Salaverria_2014.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2017.

SILVA, Maria Margarida de Andrade. *Slow Journalism Movement*. Disponível em: <http://margaridaandradesilva.weebly.com/uploads/2/8/5/9/28594141/slow_journalism_movement_-_margarida_andrade_silva.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2017.

SILVEIRA, Rafael H. Resenha do livro Aceleração e alienação: esboço de uma teoria crítica da temporalidade na modernidade tardia, Harmut Rosa. Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). *Revista de Estudos Culturais*, São Paulo, n. 2. Disponível em: <http://www.each.usp.br/revistaec/sites/default/files/pdfs/07-resenha-rafael_silveira.pdf>. Acesso em: 12 set. 2017.

SLOW MEDIA MANIFEST. Disponível em: <<http://en.slow-media.net/manifesto>>.

TRIVINHO, Eugenio. *A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática contemporânea*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. Jornalismo em ruínas: a condição social-histórica da produção noticiosa convencional diante da potência de prontidão e da explosão signífica das redes glocais. In: PINHEIRO, Amalio; SALLES, Cecilia Almeida (Orgs). *Jornalismo expandido: práticas, sujeitos e relatos entrelaçados*. São Paulo: Intermeios, 2016.

VIRILIO, Paul. *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

 Data do recebimento: 18/10/2017

Data do aceite: 07/06/2018

Dados da autora

Michelle Prazeres

<http://lattes.cnpq.br/1649405843235976>

michelleprazer@gmail.com

Jornalista, professora e pesquisadora. Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e Doutora em Educação (FE-USP).

Desenvolve atualmente pesquisa sobre as relações entre a comunicação e a cultura *slow*. É idealizadora do Desacelera SP (<http://www.desacelerasp.com.br>).